



Revista Brasileira de Ciência do Solo

ISSN: 0100-0683

revista@sbcs.org.br

Sociedade Brasileira de Ciência do Solo  
Brasil

Lemainski, Jorge; Silva, José Eurípedes da  
Utilização do biossólido da CAESB na produção de milho no Distrito Federal  
Revista Brasileira de Ciência do Solo, vol. 30, núm. 4, agosto, 2006, pp. 741-750  
Sociedade Brasileira de Ciência do Solo  
Viçosa, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180214057015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# SEÇÃO IX - POLUIÇÃO DO SOLO E QUALIDADE AMBIENTAL

## UTILIZAÇÃO DO BIOSSÓLIDO DA CAESB NA PRODUÇÃO DE MILHO NO DISTRITO FEDERAL<sup>(1)</sup>

Jorge Lemainski<sup>(2)</sup> & José Eurípedes da Silva<sup>(3)</sup>

### RESUMO

A disposição final dos resíduos das estações de tratamento de esgotos é uma crescente preocupação mundial, com reflexos na disponibilidade e na qualidade da água para consumo e atividades econômicas. A Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB) processa 400 toneladas diárias de biossólido, resíduo rico em nutrientes e matéria orgânica. Embora ainda sem parâmetros agronômicos para seu aproveitamento, o material é demandado para cultivos de grãos, pastagens, fruteiras, café, etc. O objetivo deste trabalho foi avaliar a resposta do milho à aplicação de biossólido úmido (teor de água 900 g kg<sup>-1</sup>) nas doses de 0, 7,5, 15, 30 e 45 t ha<sup>-1</sup> em comparação a fertilizante mineral aplicado em quantidades equivalentes de N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e K<sub>2</sub>O. O experimento foi realizado na Embrapa Cerrados, num Latossolo Vermelho distrófico argiloso em dois cultivos. Biossólido e fertilizante mineral foram aplicados apenas antes do primeiro cultivo. O delineamento experimental foi de blocos casualizados, com três repetições. No primeiro e no segundo cultivo, respectivamente, as produtividades de 7,41 e 5,70 t ha<sup>-1</sup> de grãos, obtidas na dose de 30 t ha<sup>-1</sup> de biossólido úmido, bem como as de 7,38 e 5,88 t ha<sup>-1</sup> de grãos, obtidas na dose de 45 t ha<sup>-1</sup>, foram todas superiores à produtividade média nacional da cultura de milho e evidenciaram os efeitos (imediato e residual) do biossólido como fertilizante. A produtividade máxima estimada de milho (6,84 t ha<sup>-1</sup>) foi obtida na dose de 37,8 t ha<sup>-1</sup>. A melhor relação benefício-custo (1,90) foi obtida na dose de 30 t ha<sup>-1</sup>. O biossólido foi, em média, 21 % mais eficiente do que o fertilizante mineral. Os resultados revelam a oportunidade de aproveitamento do biossólido da CAESB como fertilizante na produção de milho no Distrito Federal.

Termos de indexação: água, lodo de esgoto, nutrientes, fertilizante orgânico.

---

<sup>(1)</sup> Parte da Tese de Mestrado do primeiro autor, defendida na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília – UNB. Recebido para publicação em agosto de 2003 e aprovado em maio de 2006.

<sup>(2)</sup> Engenheiro-Agrônomo, M.Sc. Embrapa Cerrados. BR 020, Km 18, Rodovia Brasília/Fortaleza, Caixa Postal 08223, CEP 73301-970 - Planaltina (DF). E-mail: jlemainski@hotmail.com

<sup>(3)</sup> Engenheiro-Agrônomo, PhD, Embrapa, Parque Estação Biológica, PqEB Edifício Sede, s/n, Plano Piloto CEP 70770-901, Brasília (DF). E-mail: joesilva@sede.embrapa.br

# SUMMARY: USE OF BIOSOLIDS FOR CORN (*Zea mays*, L.) PRODUCTION IN THE FEDERAL DISTRICT

*The final disposal of sewage sludge is a growing concern worldwide as it has impacts on the water availability and quality for consumption, and economic activities. The Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB) processes 400 t of biosolids a day that is rich in mineral nutrients and organic matter. Despite the lack of local agronomic criteria for use, biosolids has found a growing demand in grain, fruit crops, coffee and pastures cultivation. To evaluate the immediate (first year) and residual (second year) effects on corn production, humid biosolids (water content 900 g kg<sup>-1</sup>) was applied onto a dystrophic clayey Red Latosol at rates of 7.5, 15, 30, and 45 t ha<sup>-1</sup> and compared to a mineral fertilizer mixture applied in equivalent N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> and K<sub>2</sub>O amounts. Both biosolids and mineral fertilizer were applied once before the first crop. A random block design was used with three replications. Corn yields in the first and second crops seasons amounted to, respectively, 7.41 and 5.70 t ha<sup>-1</sup> of grains (at the rate of 30 t ha<sup>-1</sup> of biosolids) and 7.38 and 5.88 t ha<sup>-1</sup> (at the rate of 45 t ha<sup>-1</sup>). All grain yields were higher than average Brazilian standards for corn and showed the immediate and residual effects of biosolids as fertilizer. Based on the second degree equation adjusted to average data:  $Y = 768.24^{**} + 320.56^{**}x - 4.2335^{**}x^2$ ,  $R^2 = 0.9995$  (Y, yield and x, biosolids rate), the estimated maximum corn productivity (6.84 t ha<sup>-1</sup>) would be obtained at a rate of 37.8 t ha<sup>-1</sup>. The best cost-benefit ratio (1.90, average of two growing seasons) was obtained with the application of 30 t ha<sup>-1</sup>. The biosolids were on average 21 % more efficient than mineral fertilizers. Results indicate that the CAESB biosolids have a good potential to be used as fertilizer for corn production in the Federal District.*

*Index terms: water, sewage sludge, nutrients, fertilizer.*

## INTRODUÇÃO

A disposição final dos resíduos das estações de tratamento de esgotos é uma crescente preocupação mundial, com reflexos na disponibilidade e na qualidade da água para consumo humano e animal e nas atividades econômicas. O biossólido é um produto orgânico do sistema de tratamento de esgotos, rico em matéria orgânica e nutrientes, em especial o N e P, com potencial para aproveitamento agrícola, isolado ou em combinação com adubos minerais.

Os Estados Unidos e a Europa produzem, respectivamente, cerca de 13 milhões de toneladas e 7 milhões de toneladas de biossólidos, base seca, por ano, com rotas respectivas de disposição final em aterros (41 e 42 %), uso agrícola (25 e 36 %), incineração (16 e 11 %), disposição oceânica (6 e 5 %) e outras formas, como reflorestamento e recomposição de áreas degradadas, em 12 e 6 % (Tsutiya, 2001). O Brasil produz entre 150 mil e 220 mil toneladas de biossólido, base seca, por ano, com perspectiva de expressivo aumento de processamento nesta década (Andreoli & Pinto, 2001).

Dentre as alternativas de disposição final de biossólidos, a oceânica (emissários submarinos) foi proibida a partir de 1999, mediante acordo internacional homologado pela maioria dos países membros das Nações Unidas (Luduvic, 2000); os aterros sanitários apresentam restrições de ordem ambiental e econômica (PROSAB, 1999; Luduvic,

2000); a incineração tem elevado custo por tonelada tratada, além de problemas secundários de poluição atmosférica e de destinação final das cinzas (Ferreira et al., 1999); entretanto, é bastante prática e pode ser aplicada em algumas situações nos grandes centros urbanos (PROSAB, 1999); a reciclagem agrícola apresenta-se como a alternativa mais promissora, pois transforma um resíduo em importante insumo agrícola, contribuindo para o fechamento do ciclo dos nutrientes minerais e para a redução do efeito estufa (PROSAB, 1999; SANEPAR, 1999; Andreoli & Pegorini, 2000).

No Distrito Federal 88% da população de 2,3 milhões de habitantes é atendida pelo sistema de coleta de esgotos; o índice de coleta é de 71,8 % e, do esgoto coletado, 75,4 % é tratado, gerando aproximadamente 400 toneladas diárias de biossólido (PMSS, 2005). O biossólido produzido nas Estações de Tratamento de Esgotos (ETE) da CAESB, de origem eminentemente doméstica, apresenta baixa concentração de metais pesados, com valores bem abaixo dos limites preconizados pelas normas americanas e européias (Luduvic, 2000; Silva et al., 2002b). Apesar de estabilizado biologicamente o material não é esterilizado, o que exige cuidados no seu manuseio e utilização; do ponto de vista sanitário, o biossólido da CAESB atende aos requisitos de lodo Classe B da norma americana, estando apto para ser usado, com restrições, na agricultura (Luduvic, 2000) e nos limites previstos pela legislação brasileira.

A área agrícola do Distrito Federal é de 163,0 mil hectares em lavouras e pastagens (IBGE, 2003a), sendo 34,8 mil hectares cultivados com soja e 28,5 mil hectares com milho (IBGE, 2003b). Grande parte desta área tem aptidão (relevo plano, solos profundos e bem drenados) para reciclagem dos resíduos orgânicos urbanos (Fernandes et al., 2001), com ganhos na produção agropecuária e redução da pressão poluidora sobre os recursos hídricos.

Apesar da carência de critérios locais para uso agrônomo, existe, segundo Ludovice (2000), uma demanda do biofóssido da CAESB pelo setor agrícola para produção de grãos, pastagens, fruteiras e café.

O biofóssido, por ser um resíduo que contém teores elevados de matéria orgânica e de outros nutrientes, principalmente o N e o P, pode melhorar as propriedades físicas e as características químicas e biológicas do solo, o que possibilita seu aproveitamento na agricultura como fornecedor de nutrientes e elementos benéficos ao desenvolvimento e produção das plantas (Melo et al., 2001).

Experiências realizadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil demonstraram o uso benéfico do biofóssido para diversas culturas e para algumas propriedades físicas e características químicas e biológicas do solo (Melo et al., 1994; Poggiani et al., 2000; Silva et al., 2001; Melfi & Montes, 2001; Melo et al., 2004). Os biofóssidos têm sido considerados eficientes em suprir nutrientes às culturas (Corrêa, 2004) e podem contribuir para reduzir os gastos com fertilizantes (Carvalho & Barral, 1981), com retorno financeiro expressivo no cultivo do milho (Biscaia & Miranda, 1996; Lourenço et al., 1996). O efeito imediato e residual da aplicação de biofóssido foi observado em milho e na associação aveia-ervilhaca (Da Ros et al., 1993), na soja (Vieira et al., 2005), no milho (Deschamps & Favaretto, 1997; Marques et al., 2000). No Distrito Federal, Silva et al. (2002a), em ensaio com milho, utilizando doses de 54 a 216 t ha<sup>-1</sup> de biofóssido úmido aplicadas antes do primeiro cultivo, obtiveram a produtividade média de grãos de 4.700 kg ha<sup>-1</sup> em três cultivos, o que evidenciou a capacidade do biofóssido em fornecer nutrientes à cultura e seu efeito residual até o terceiro ano. Silva et al. (2002b) verificaram que doses acima de 54 t ha<sup>-1</sup> de biofóssido úmido requerem movimentação e manipulação de grande volume de material e sugeriram que o uso de doses menores poderia apresentar maior viabilidade.

Estudo recente da Organização Mundial da Saúde (Hutton & Haller, 2004) indicou que, em países em desenvolvimento, o retorno proporcionado por projetos de saneamento, incluída a adequada disposição final do biofóssido ou lodo de esgoto, situa-se entre 5 e 28 dólares para cada dólar investido.

O objetivo deste trabalho foi avaliar, em dois anos agrícolas, o potencial de resposta do milho ao biofóssido úmido comparativamente a fertilizante mineral misto, aplicados em doses equivalentes de N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e K<sub>2</sub>O,

em única vez, antes do primeiro cultivo. Avaliaram-se também a eficiência agrônoma e a relação benefício-custo do biofóssido como fertilizante na agricultura do Distrito Federal.

## MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi realizado na Embrapa Cerrados em Planaltina (DF) (Latitude S 15°35'42"; Longitude W 47°43'45"), nos anos agrícolas 2001/2002 e 2002/2003, em área de Latossolo Vermelho distrófico argiloso (teor de argila 520 g kg<sup>-1</sup>) com declividade inferior a 5 %. Há 25 anos, aproximadamente, o local abrigou teste de híbridos de milho, posteriormente foi utilizado com pastagem de capim *Brachiaria sp* e estava em pousio por mais de oito anos.

Dados climatológicos da Estação Principal da Embrapa Cerrados (lat. S 15° 35' 30" e long. W 47° 42' 30"; altitude 1.007 m), próxima ao local do experimento, indicaram que, de novembro a março de 2001/2002 e 2002/2003, períodos de instalação e desenvolvimento dos cultivos, as precipitações foram de 888,3 e 772,2 mm de chuva, respectivamente.

A análise do solo na camada de 0–20 cm (Embrapa, 1997), antes do primeiro cultivo, indicou: pH em água = 5,88; P = 1,04 mg dm<sup>-3</sup>; Al<sup>3+</sup> = 0,10 mmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup>; H + Al = 34,9 mmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup>; Ca<sup>2+</sup> + Mg<sup>2+</sup> = 53,3 mmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup>; K<sup>+</sup> = 0,10 mg dm<sup>-3</sup>; V = 60,86 % e MO = 25,5 g dm<sup>-3</sup>.

O delineamento experimental foi de blocos ao acaso, com três repetições, em parcelas de 9,0 x 7,0 m (área útil de 14,4 m<sup>2</sup>), dispostas em arranjo de nove tratamentos, sendo quatro com doses crescentes de biofóssido úmido e quatro com fertilizante mineral misto (em quantidades de N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>, K<sub>2</sub>O equivalentes às do biofóssido aplicado) mais a testemunha (Quadro 1).

O biofóssido fornecido pela ETE Brasília Norte da CAESB, em outubro de 2001, passou pelo processo de estabilização biológica (digestão anaeróbia e aeróbia) seguido de polimento final com aplicação de coagulante metálico (Ludovice, 2000). A ETE Brasília Norte recebe esgotos eminentemente domésticos e gera o biofóssido que atende aos requisitos de lodo Classe B da norma americana (Ludovice, 2000). Avaliaram-se a densidade do biofóssido úmido (volume e peso iniciais das amostras recém-coletadas) e a do material seco (volume e peso finais das amostras após secagem em estufa a 65 °C, por 72 h, e depois a 105 °C, por 48 h, até atingirem peso constante). A caracterização química do material (Quadro 2) foi efetuada em oito amostras compostas, sendo cada uma constituída de 10 subamostras (Socol, 2000). As análises realizadas no Laboratório de Solo e Planta do Instituto Agrônomo de Campinas seguiram o método definido pela Norma P.4.320/99 da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo (CETESB,

1999). No Laboratório de Química Analítica da Embrapa Cerrados, o N foi determinado por colorimetria (Oliveira, 1981) em espectrofotômetro de ultravioleta visível, modelo UV-1601 – Shimadzu, e

os elementos P, K, Ca, Mg, S, B, Cu, Fe, Mn, Zn, Al e Na foram analisados em espectrofotômetro de emissão atômica com plasma indutivamente acoplado, modelo IRIS/AP – Thermo Jarrel Ash.

**Quadro 1. Doses de bio sólido e de fertilizante mineral misto aplicadas no cultivo de milho em solo do Cerrado**

Tratamento		Dose <sup>(2)</sup>	
Nº	Nome <sup>(1)</sup>	Bio sólido e fertilizante	N P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> K <sub>2</sub> O <sup>(3)</sup>
		ha <sup>-1</sup>	kg ha <sup>-1</sup>
1	Testemunha	0,0	00–00–00
2	BSL1	7,5 t	44–71–04
3	BSL2	15,0 t	88–142–08
4	BSL3	30,0 t	176–284–16
5	BSL4	45,0 t	264–426–24
6	FMN1	100–168–07 kg	44–71–04
7	FMN2	200–337–14 kg	88–142–08
8	FMN3	400–674–26 kg	176–284–16
9	FMN4	600–1011–40 kg	264–426–24

<sup>(1)</sup> BSL: bio sólido; FMN: fertilizante mineral. <sup>(2)</sup> BSL: teor de água 900 g kg<sup>-1</sup> e densidade de 0,964 kg dm<sup>-3</sup>; FMN: uréia (0,44 kg kg<sup>-1</sup> de N), superfosfato triplo (0,421 kg kg<sup>-1</sup> de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>) e cloreto de K (0,60 kg kg<sup>-1</sup> de K<sub>2</sub>O); <sup>(3)</sup> Análise química do bio sólido seco (teor de água 100 g kg<sup>-1</sup>): N, 53,27 g kg<sup>-1</sup>; P, 37,37 g kg<sup>-1</sup>; K, 3,98 g kg<sup>-1</sup>.

**Quadro 2. Caracterização química do bio sólido da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal – CAESB**

Característica	CAESB <sup>(1)</sup>	CPAC <sup>(2)</sup>	IAC <sup>(3)</sup>
Teor de água (g kg <sup>-1</sup> )	820–860	930–810	.( <sup>(4)</sup> )
Matéria orgânica (g kg <sup>-1</sup> )	600–630	634,5–656,9	473,6–568,2
Cinzas (g kg <sup>-1</sup> )	350–400	32,31–35,28	.( <sup>(4)</sup> )
pH	5,6–8,1	5,8–7,4	.( <sup>(4)</sup> )
N (g kg <sup>-1</sup> )	10–50	51,8–56,9	41,2–53,3
P (g kg <sup>-1</sup> )	20–40	32,4–37,4	30,9–37,1
K (g kg <sup>-1</sup> )	5–10	2,9–4,0	3,5–4,5
Ca (g kg <sup>-1</sup> )	10–12	13,3–16,7	15,9–26,7
S (g kg <sup>-1</sup> )	8,2–12,2	8,2–9,4	9,3–9,6
Mg (g kg <sup>-1</sup> )	3–5	6,3–6,8	6,7–7,1
B (mg kg <sup>-1</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	13,0–26,1	13,6–17,1
Co (mg kg <sup>-1</sup> )	< 1	.( <sup>(4)</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )
Cu (mg kg <sup>-1</sup> )	70–85	126–243	138–156
Fe (mg kg <sup>-1</sup> )	9.000–11.000	22.150–24.390	23.685–26.161
Mn (mg kg <sup>-1</sup> )	79–81	83–124	116–138
Mo (mg kg <sup>-1</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	< 0,1
Na (mg kg <sup>-1</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	611–816	700–900
Zn (mg kg <sup>-1</sup> )	320–350	676–733	594–624
Al (mg kg <sup>-1</sup> )	10.000–12.000	36.220–45.400	43.269–53.003
As (mg kg <sup>-1</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	< 0,1
Cd (mg kg <sup>-1</sup> )	< 2	.( <sup>(4)</sup> )	2,3–2,5
Pb (mg kg <sup>-1</sup> )	50	.( <sup>(4)</sup> )	90,4–95,6
Cr (mg kg <sup>-1</sup> )	48–56	.( <sup>(4)</sup> )	33,2–39,6
Hg (mg kg <sup>-1</sup> )	4	.( <sup>(4)</sup> )	< 0,1
Ni (mg kg <sup>-1</sup> )	2,5–5,2	.( <sup>(4)</sup> )	12,7–19,1
Se (mg kg <sup>-1</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	.( <sup>(4)</sup> )	< 0,1

<sup>(1)</sup> Adaptado de Silva et al. (2002a); teores em base seca. <sup>(2)</sup> Embrapa – Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (bio sólido seco: teor de água 100 g kg<sup>-1</sup>; média de seis amostras). <sup>(3)</sup> Instituto Agrônomo de Campinas (bio sólido seco: teor de água 100 g kg<sup>-1</sup>; média de duas amostras). <sup>(4)</sup> Não determinado.



As fontes de NPK foram, respectivamente, uréia ( $0,44 \text{ kg kg}^{-1}$  de N), superfosfato triplo ( $0,421 \text{ kg kg}^{-1}$  de  $\text{P}_2\text{O}_5$ ) e cloreto de K ( $0,60 \text{ kg kg}^{-1}$  de  $\text{K}_2\text{O}$ ). O cálculo da dose equivalente do fertilizante mineral foi feito com base na análise química, densidade e teor de água do bio sólido.

A única aplicação do bio sólido úmido e do fertilizante mineral misto ocorreu em 14 de novembro de 2001. A distribuição nas parcelas foi uniforme, a lancha manual, seguida de incorporação com grade niveladora na profundidade de 0–10 cm. Em todos os procedimentos de manipulação do bio sólido, foram utilizados equipamentos de proteção individual (botas de borracha, luvas, máscaras, macacão, chapéu).

O primeiro plantio do milho, cultivar Cargill 901C, ocorreu em 16 de novembro de 2001 em solo preparado no sistema convencional (arado de discos, grade). O segundo plantio, utilizando o cultivar BRS 1001, foi realizado, em 20 de novembro de 2002, no sistema de plantio direto, sem adição de bio sólido ou fertilizante mineral a qualquer tratamento. Em ambos os cultivos, foram utilizados semeadeira mecanizada, espaçamento entre linhas de 90 cm e uma densidade populacional de 55 mil plantas por hectare. Durante o desenvolvimento da cultura, foram realizados os tratamentos culturais de rotina para o controle de pragas e de plantas invasoras.

As colheitas do milho no primeiro e segundo cultivo foram efetuadas em 24 e 30 de abril de 2002 e 2003, respectivamente, na área útil (quatro linhas de 4,0 m) de cada parcela. As espigas foram separadas e os restos culturais devolvidos à respectiva parcela. A produtividade de grãos foi ajustada para o teor de água no grão em 13 %.

Utilizou-se o pacote estatístico SAS (2001) para a análise de variância da produção de milho e no ajuste de regressões polinomiais relacionando a produção de grãos com doses de bio sólido e de fertilizante mineral. Contrastes não-ortogonais foram utilizados para a comparação entre as médias de produtividade do bio sólido e fertilizante mineral.

A eficiência agrônômica (valor fertilizante) do bio sólido (EB) em relação ao fertilizante mineral (Silva et al., 2002a) foi obtida pela equação 1:  $EB = 100 \cdot (PB - PT) / (PF - PT)$ , em que PB é a produtividade de grãos nos tratamentos com bio sólido; PT é a produtividade do tratamento-testemunha e PF é a produtividade dos tratamentos com fertilizante mineral. A eficiência agrônômica foi determinada em relação aos tratamentos 2, 3, 4 e 5 com uso de bio sólido úmido, tomando, como referência, respectivamente, os tratamentos 6, 7, 8 e 9 que utilizaram fertilizante mineral em doses de NPK equivalentes às aplicadas nos tratamentos com bio sólido (Quadro 1).

Para as avaliações econômicas, simulou-se uma propriedade distante 100 km da ETE-Brasília Norte da CAESB, em condições semelhantes às da área experimental, quando da aplicação do bio sólido e do

fertilizante mineral. Todos os cálculos foram ajustados para a unidade de área de um hectare. A receita bruta, para cada tratamento, foi obtida, multiplicando-se o somatório da produtividade de grãos do primeiro e do segundo cultivos pelo preço pago ao produtor (R\$18,65 por saca de 60 kg), conforme CONAB (2003). O custo de produção da lavoura comercial de milho, para ambos os cultivos, foi estabelecido a partir de orçamento analítico adaptado da Proplanta (Carvalho & Pacheco, 2003). Na matriz de custos, o valor dos fertilizantes (bio sólido e fertilizante mineral) foi definido, isoladamente, para cada tratamento. Assim, o custo de 1 ha de milho foi orçado em R\$600,00, excluídos os fertilizantes. O custo do fertilizante mineral, por tratamento, foi calculado pelo valor de N,  $\text{P}_2\text{O}_5$  e  $\text{K}_2\text{O}$  e a respectiva quantidade aplicada antes do primeiro cultivo. De acordo com pesquisa de preço pago pelo produtor CONAB (2003), a cotação da tonelada de produto posto na propriedade a 100 Km, referenciada a abril de 2003, foi: uréia R\$845,00; superfosfato triplo R\$819,00 e cloreto de K R\$666,00. O custo do bio sólido por tratamento foi equivalente à dose aplicada ( $\text{t ha}^{-1}$ ) multiplicada pelo valor do frete de R\$22,00  $\text{t}^{-1}$ ; a esse resultado adicionaram-se os custos de distribuição (R\$24,00  $\text{ha}^{-1}$ ) e de incorporação (R\$20,00  $\text{ha}^{-1}$ ), segundo Canziani et al. (2001).

Na análise da relação benefício-custo do uso do bio sólido como fertilizante (Silva et al., 2002b), foram utilizadas as receitas de comercialização, considerando a produtividade de grãos obtida na área experimental e os custos de produção nas lavouras comerciais de milho, no Distrito Federal, com base nos preços praticados em abril de 2003. Aplicou-se a equação 2:  $BC = (RP - RT) / CP$ , em que BC é a relação benefício-custo; RP é a receita bruta da produção de cada tratamento; RT é a receita bruta do tratamento-testemunha e CP é o custo de produção de cada tratamento.

Neste trabalho, para efeitos de referência de conversão de moedas, o dólar norte-americano foi cotado a três reais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Efeito da aplicação do bio sólido na produtividade de grãos dos dois cultivos de milho

A análise da eficiência do bio sólido em relação ao fertilizante mineral, obtida por meio de contrastes não-ortogonais, mostrou que, nos dois cultivos, as produtividades médias do milho como do bio sólido foram estatisticamente superiores às obtidas com o fertilizante mineral em 22 %, no primeiro cultivo ( $F_{14,30}$ ;  $Pr > F_{0,0016}$ ), e 19 %, no segundo ( $F_{13,66}$ ;  $Pr > F_{0,0020}$ ). Na média geral dos dois cultivos, o bio sólido foi 21 % superior ao fertilizante mineral ( $F_{27,97}$ ;  $Pr > F_{0,0001}$ ).

A resposta imediata e residual do milho à única aplicação do biofósforo e do fertilizante mineral, antes do primeiro cultivo, foi avaliada pela comparação entre as médias das produtividades de grãos, nos tratamentos, nos dois cultivos (Quadro 3).

A produtividade de todos os tratamentos foi significativamente superior à da testemunha. Para o biofósforo, nos dois cultivos avaliados, a produtividade aumentou, significativamente, até à dose de 30 t ha<sup>-1</sup> e a produtividade desta não diferiu estatisticamente da dose de 45 t ha<sup>-1</sup>.

Destaca-se que as médias de produtividade de grãos dos dois cultivos (6,56 e 6,63 t ha<sup>-1</sup>) dos tratamentos que utilizaram, respectivamente, 30 e 45 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo úmido, superaram, em cerca de 54 %, a produtividade média (4,27 t ha<sup>-1</sup>) do milho no Distrito Federal, e, em 93 %, o rendimento médio (3,40 t ha<sup>-1</sup>) da cultura no Brasil (IBGE, 2003b). As produtividades obtidas foram comparáveis às apresentadas por Biscaia & Miranda (1996) que utilizaram doses de 2, 4, 6 e 60 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo, base seca, em milho e obtiveram produtividades médias acima de 5 t ha<sup>-1</sup> de grãos; resultados comparáveis também foram obtidos por Marques et al. (2000), em Latossolo Vermelho-Escuro, nas doses de 2,5 e 5,0 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo, base seca, cujas produtividades médias de dois cultivos foram, respectivamente, de 6,54 e 6,32 t ha<sup>-1</sup> de grãos. Salienta-se que, no presente trabalho, a maior dose de biofósforo úmido (45 t ha<sup>-1</sup>) correspondeu, aproximadamente, a 4,5 t ha<sup>-1</sup> do material em base seca.

Neste estudo, nas doses de 30 e 45 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo úmido, obtiveram-se, como médias dos dois cultivos, 6,56 e 6,63 t ha<sup>-1</sup> de grãos, respectivamente; no trabalho de Silva et al. (2001a), nas doses de 54, 108 e 216 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo úmido, obtiveram-se,

como média dos dois primeiros cultivos, 5,20, 5,80 e 6,64 t ha<sup>-1</sup> de grãos. Apesar das particularidades de cada experimento, a análise das produtividades nos dois casos mostra a viabilidade do uso de doses de biofósforo úmido menores de 54 t ha<sup>-1</sup>, de acordo com sugestão de Silva et al. (2001b). Mesmo com doses menores do que as utilizadas no trabalho de Silva et al. (2001a), o efeito residual da aplicação do biofósforo úmido ficou evidente no segundo cultivo, cujas produtividades, nas doses de 30 e 45 t ha<sup>-1</sup>, corresponderam a 77 e 80 % das obtidas no primeiro cultivo. Resultado semelhante foi verificado por Deschamps et al. (1997), ao estudarem o efeito residual da aplicação de biofósforo no desenvolvimento e produtividade do milho nos sistemas de preparo convencional, cultivo mínimo e plantio direto em dois anos consecutivos. A viabilidade de uso de pequenas doses de biofósforo na cultura do milho, evidenciada nos resultados anteriores, mostra que as necessidades de nutrientes da cultura foram supridas, por pelo menos dois anos agrícolas, sem prejuízo para a produção.

As respostas do milho às aplicações de biofósforo úmido e fertilizante mineral (efeito imediato e residual) foram adequadamente representadas pelas equações estabelecidas a partir do modelo de regressão polinomial do segundo grau ( $\hat{y} = ax^2 + bx + c$ ,  $\hat{y}$  = produtividade e  $x$  = dose de biofósforo) (Quadro 4).

A derivação das equações mostrou que a produtividade máxima estimada de grãos (7,82 t ha<sup>-1</sup>), no primeiro cultivo (efeito imediato), seria atingida com a dose de 35,6 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo úmido, enquanto, no segundo cultivo (efeito residual), essa produtividade (5,95 t ha<sup>-1</sup>) seria atingida com a dose nominal de 42,8 t ha<sup>-1</sup> de biofósforo úmido. A provável explicação

**Quadro 3. Efeito imediato e residual do biofósforo e do fertilizante mineral misto na produtividade de grãos de dois cultivos de milho<sup>(1)</sup>**

Tratamento <sup>(2)</sup>		Cultivo		Média
Nº	Nome	Primeiro	Segundo	
kg ha <sup>-1</sup>				
1	Testemunha.	414 f	1.030 d	722 e
2	BSL1	3.351 de	2.709 cb	3.030 d
3	BSL2	5.556 bc	3.612 b	4.584 b
4	BSL3	7.409 a	5.702 a	6.556 a
5	BSL4	7.380 a	5.882 a	6.631 a
6	FMN1	2.635 e	2.476 c	2.555 d
7	FMN2	4.551 dc	3.314 b	3.933 b
8	FMN3	6.586 ba	4.880 a	5.733 a
9	FMN4	6.658 ba	4.980 a	5.819 a
C.V. (%)		10,7	9,7	7,3

<sup>(1)</sup> Médias seguidas pela mesma letra, na coluna, não diferem entre si a 5 % pelo teste Tukey. <sup>(2)</sup> Detalhes sobre os tratamentos ver quadro 1.

para este resultado está no fato de que, mesmo no segundo cultivo, a equação foi estimada com as doses nominais estabelecidas, sem considerar a remoção de nutrientes no primeiro cultivo, o que, dentre outros fatores, reduziu suas quantidades no solo.

O comportamento das produtividades do milho, média de duas safras, em resposta às doses de biofósforo (Figura 1), mostrou que, com base na equação ajustada, a produtividade máxima estimada em grãos ( $6,84 \text{ t ha}^{-1}$ ) seria atingida com  $37,86 \text{ t ha}^{-1}$  de biofósforo úmido.

#### Eficiência do biofósforo

A eficiência agrônômica do biofósforo no suprimento de nutrientes às plantas em relação ao fertilizante mineral (Quadro 5), avaliada pela primeira equação 1, mostrou que, no primeiro e no segundo cultivo, o biofósforo foi, respectivamente, 22 e 19 % mais eficiente que o fertilizante mineral, o que é consistente com os resultados obtidos por Silva et al. (2002a).

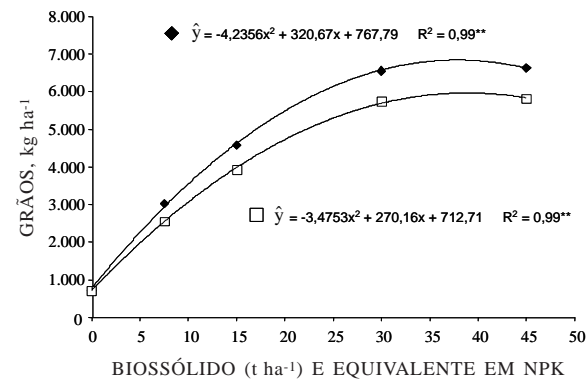


Figura 1. Efeito do biofósforo (♦) e do fertilizante mineral misto (□) na produtividade de grãos de milho. Média dos dois cultivos.

Avaliado pela produtividade média dos dois cultivos, o biofósforo foi 21 % mais eficiente.

Quadro 4. Relação entre a produtividade de grãos de milho (y), no primeiro e no segundo cultivo, e as doses de biofósforo e fertilizante mineral misto (x) aplicadas no solo

Insumo	Equação	R <sup>2</sup>
Primeiro cultivo		
Biofósforo	$\hat{Y} = -5,7667^{**}x^2 + 410,15^{**}x + 521,82^{**}$	0,997 <sup>**</sup>
Fertilizante mineral	$\hat{Y} = -4,4994^{**}x^2 + 341,77^{**}x + 389,51^{**}$	0,999 <sup>**</sup>
Segundo cultivo		
Biofósforo	$\hat{Y} = -2,7004^{**}x^2 + 230,98^{**}x + 1014,60^{**}$	0,992 <sup>**</sup>
Fertilizante mineral	$\hat{Y} = -2,4515^{**}x^2 + 198,57^{**}x + 1035,80^{**}$	0,996 <sup>**</sup>

\*\* Significativo a 1 %.

Quadro 5. Eficiência do biofósforo como fornecedor de nitrogênio, fósforo e potássio para dois cultivos de milho<sup>(1)</sup>

Tratamento <sup>(2)</sup>	Cultivo		Média
	Primeiro	Segundo	
	%		
2 BSL1	132,08	116,98	124,53
3 BSL2	131,49	113,03	122,26
4 BSL3	113,36	121,80	117,58
5 BSL4	111,56	124,21	117,88
Média	122,12	119,00	120,56

<sup>(1)</sup> A eficiência do biofósforo foi calculada pela Eq. 2:  $EB = 100 \times (PB - PT) / (PF - PT)$ , em que PB é a produtividade de grãos dos tratamentos com biofósforo; PT é a produtividade do tratamento-testemunha, e PF é a produtividade dos tratamentos com fertilizante mineral. <sup>(2)</sup> Detalhes sobre os tratamentos ver quadro 1.



### Análise de benefício-custo

A relação benefício-custo é um dos fatores determinantes para a adoção de determinada tecnologia pelo agricultor e, no presente caso (Quadro 6), mostra a taxa de retorno de cada real aplicado no biossólido e no fertilizante mineral utilizados no cultivo do milho. Assim, para o cenário de lavoura comercial proposto, os resultados de produtividade do milho indicaram que a taxa de retorno com o uso do biossólido (exceto no tratamento de 7,5 t ha<sup>-1</sup>) foi maior que a verificada em qualquer dos tratamentos com fertilizante mineral. Isto pode ser atribuído à maior receita obtida pela maior produtividade, como também ao menor custo de produção resultante da utilização do biossólido em relação ao fertilizante mineral.

A análise dos resultados mostrou que, embora as produções obtidas nas doses de 30 t ha<sup>-1</sup> e 45 t ha<sup>-1</sup> de biossólido úmido não tenham diferido estatisticamente, o retorno econômico obtido com a primeira dose (R\$0,90 para cada real investido) foi maior que o observado na segunda (R\$0,64 para cada real investido), o que pode ser atribuído ao seu maior custo de produção.

Na simulação da relação benefício-custo para dois cultivos de milho no Distrito Federal, cada um projetado para uma produção de 6,5 t ha<sup>-1</sup> de grãos com o uso de fertilizante mineral na dose anual de 20 kg ha<sup>-1</sup> de N, 65 de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e 40 de K<sub>2</sub>O na adubação de manutenção e de 50 kg ha<sup>-1</sup> de N e de 27,5 de K<sub>2</sub>O na adubação de cobertura (Sousa & Lobato, 2002), observou-se um retorno econômico de R\$0,87 por real investido no fertilizante mineral, valor semelhante ao

obtido (R\$0,90) com o biossólido úmido na dose de 30 t ha<sup>-1</sup>. Neste contexto, a análise de benefício-custo constitui importante instrumento de gerenciamento do empreendimento agrícola. Por sua vez, Biscaia & Miranda (1996), ao considerarem o preço do biossólido como apenas seu custo de transporte, observaram que o retorno financeiro por unidade monetária de biossólido aplicado no milho foi quatro vezes maior que o retorno do fertilizante mineral.

Os resultados deste estudo mostram sintonia com observações de Hutton & Haller (2004), em que o fechamento do ciclo do saneamento requer uma alternativa adequada para disposição final dos resíduos urbanos. Considerando os aspectos agrônômicos, objeto deste trabalho, a produção diária de 400 toneladas de biossólido úmido no Distrito Federal seria suficiente para o cultivo anual de 5 mil hectares de lavoura de milho, utilizando o biossólido úmido como fertilizante na dose de 30 t ha<sup>-1</sup>, com retorno econômico favorável.

Para as condições em que foi realizado este trabalho, o biossólido apresentou uma vantagem comparativa em relação ao uso do fertilizante mineral, com evidências positivas para doses de 30 a 45 t ha<sup>-1</sup>. Entretanto, apesar dos coeficientes agrônômicos, obtidos para pequenas quantidades de biossólido, o seu aproveitamento na agricultura do Distrito Federal depende, dentre outros fatores, da atenção aos limites quanto à presença de metais pesados e agentes patogênicos estabelecidos pela legislação brasileira, da aceitação e da conscientização quanto à aplicação correta das recomendações técnicas por parte dos usuários.

**Quadro 6. Análise de benefício-custo do biossólido e fertilizante mineral misto em relação ao total de grãos dos dois cultivos de milho**

Tratamento <sup>(1)</sup>		Produção total <sup>(2)</sup>	Receita bruta <sup>(3)</sup>	Custo de produção <sup>(4)</sup>	Relação benefício/custo <sup>(5)</sup>
Nº	Nome				
		kg ha <sup>-1</sup>	————— R\$ ha <sup>-1</sup> —————		BC
1	Testemunha	1.444,1	448,83	1.200,00	-( <sup>(6)</sup>
2	BSL1	6.059,4	1.883,26	1.409,24	1,02
3	BSL2	9.167,3	2.849,20	1.574,24	1,52
4	BSL3	13.111,4	4.075,02	1.904,24	1,90
5	BSL4	13.261,9	4.121,80	2.234,24	1,64
6	FM1	5.110,8	1.588,44	1.426,50	0,80
7	FM2	7.865,2	2.444,50	1.654,33	1,21
8	FM3	11.465,9	3.563,60	2.107,33	1,48
9	FM4	11.637,2	3.616,84	2.563,58	1,24

<sup>(1)</sup> Detalhes sobre os tratamentos ver quadro 1. <sup>(2)</sup> Somatório das produtividades de grãos do primeiro e do segundo cultivo. <sup>(3)</sup> Produção comercializada ao preço de R\$18,65 sc<sup>-1</sup> de 60 kg (base abril 2003). <sup>(4)</sup> Custo de insumos e serviços (R\$600,00) para cada ano, mais o valor dos fertilizantes por tratamento. <sup>(5)</sup> Eq. 1: BC = (RP – RT)/CP, em que RP é receita de produção; RT é receita testemunha; e CP custo de produção. <sup>(6)</sup> Não determinado.

## CONCLUSÕES

1. A utilização de biossólido como fertilizante na cultura do milho mostrou-se agronomicamente viável, com produtividade média de dois cultivos acima de 6,50 t ha<sup>-1</sup>, nas doses de 30 e de 45 t ha<sup>-1</sup> de biossólido úmido.

2. O efeito residual do biossólido úmido foi observado no segundo cultivo, de modo mais efetivo nas doses de 30 e 45 t ha<sup>-1</sup>, cujas produtividades atingiram, respectivamente, 77 e 80 % das obtidas no primeiro cultivo.

3. O biossólido foi, em média, 21 % mais eficiente do que o fertilizante mineral.

4. Para o milho, a melhor relação benefício-custo (1,90) foi obtida com a aplicação de 30 t ha<sup>-1</sup> de biossólido úmido.

## LITERATURA CITADA

ANDREOLI, C.V. & PEGORINI, E.S. Gestão pública do uso agrícola do lodo de esgoto. In: BETTIOL, W. & CAMARGO, O.A., eds. Impacto ambiental do uso agrícola do lodo de esgoto. Jaguariúna, EMBRAPA Meio Ambiente, 2000. p.281-312.

BISCAIA, R.C.M. & MIRANDA, G.M. Uso do lodo de esgoto calado na produção de milho. Curitiba, Sanare, 5:86-89, 1996.

CANZIANI, J.R.F.; PEGORINI, E.S.; MASSARDO, M. & OSAKI, M. Aspectos sócio-econômicos. In: ANDREOLI, C.V.; LARA, A.I. & FERNANDES, F., orgs. Reciclagem de biossólidos: transformando problemas em soluções. Curitiba, SANEPAR/FINEP, 2001. p.239-261.

CARVALHO, E. & PACHECO, L. Orçamento analítico para a cultura do milho: Proplanta – Consultoria Agrônômica, Barreiras, BA. Mensagem recebida por <jlemainski@hotmail.com> em 20 maio 2003.

CARVALHO, P.C. & BARRAL, M.F. Aplicação de lodo de esgoto como fertilizante. Fertilizantes, 3:1-4, 1981.

COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL – CETESB. Aplicação de lodos de sistemas de tratamento biológico em áreas agrícolas: Critérios para projeto e operação. Manual Técnico. São Paulo, 1999. 32p.

COMPANHIA DE SANEAMENTO DO DISTRITO FEDERAL – CAESB. Água e Esgotos no Distrito Federal. Disponível em: <http://caesb.df.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2003.

CORRÊA, R.S. Efficiency of five biosolids to supply nitrogen and phosphorus to ryegrass. Pesq. Agropec. Bras., 39:1133-1139, 2004.

DA ROS, C.O.; AITA, C.; CERETA, C.A. & FRIES, M.R. Lodo de esgoto: Efeito imediato no milho e residual na associação aveia-ervilhaca. R. Bras. Ci. Solo, 17:257-261, 1993.

DESCHAMPS, C. & FAVARETTO, N. Projeto interdisciplinar para o desenvolvimento de critérios sanitários, agrônômicos e ambientais para a implantação da reciclagem agrícola do lodo de esgoto. Curitiba, SANEPAR, 1997. (Relatório Técnico)

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Manual de métodos de análise de solo. 2.ed. Rio de Janeiro, 1997. 212p. (Embrapa – CNPS, Documentos, 1)

FERNANDES, F.; LARA, A.I.; ANDREOLI, C.V. & PEGORINI, E.S. Normatização para a reciclagem agrícola do lodo de esgoto. In: In: ANDREOLI, C.V.; LARA, A.I. & FERNANDES, F., orgs. Reciclagem de biossólidos: transformando problemas em soluções. Curitiba, SANEPAR/FINEP, 2001. p.263-291.

FERREIRA, A.C.; ANDREOLI, C.V. & JÜRGENSEN, D. Destino final do lodo. In: PROGRAMA DE PESQUISA EM SANEAMENTO BÁSICO - PROSAB. Uso e manejo do lodo de esgoto na agricultura. Rio de Janeiro, 1999. p.26-28.

HUTTON, G. & HALLER, L. Evaluation of the costs and benefits of water and sanitation improvements at the global level. Geneva, Switzerland, World Health Organization (WHO), 2004. 87p. Disponível em: <http://www.who.int/water\_sanitation\_health/en/wsh0404.pdf>. Acesso em 21 dez. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Agropecuário de 1995-1996. Utilização das terras do Distrito Federal. Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro>. Acesso em 11 abr. 2003a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Produção Agrícola Municipal. Lavoura temporária do Distrito Federal 2001. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela>. Acesso em 23 jun. 2003b.

LOURENÇO, R.S.; ANJOS, A.R.M. & LIBARDI, P.L. Efeito do lodo de esgoto na produtividade de milho e feijão no sistema de produção de bractinga. Sanare, 5:90-92, 1996.

LUDUVICE, M. Experiência da Companhia de Saneamento do Distrito Federal na reciclagem agrícola de biossólido. In: BETTIOL, W. & CAMARGO, O., eds. Impacto ambiental do uso agrícola do lodo de esgoto. Jaguariúna, Embrapa Meio Ambiente, 2000. p.153-162.

MARQUES, M.O.; TSUTIIYA, M.T.; MELO, W.J. & SOUZA, A.H.C.B. Desempenho de plantas de milho cultivadas em solos acrescidos de biossólido oriundo da estação de tratamento de esgoto de Barueri, localizada na região metropolitana de São Paulo. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL: ABES/AIDIS, 27., Porto Alegre, 2000. Anais. Porto Alegre, 2000. CD ROOM

MELFI, A.J. & MONTES, C.R. Impacto dos biossólidos sobre o solo. In: TSUTIIYA, M.T.; COMPARINI, J.B.; SOBRINHO, P.A.; HESPANHOL, I.; CARVALHO, P.C.T.; MELFI, A.J.; MELO, W.J. & MARQUES, M.O., eds. Bioosólidos na agricultura, São Paulo, SABESP, 2001. p.243-272.

MELO, V.P.; BEUTLER, A.N.; SOUZA, Z.M.; CENTURION, J.F. & MELO, W.J. Atributos físicos de Latossolos adubados durante cinco anos com bioosólido. Pesq. Agropec. Bras., 39:67-72, 2004.

MELO, W.J.; MARQUES, M.O.; MELO, V.P. O uso agrícola do bioosólido e as propriedades do solo. In: TSUTIIYA, M.T.; COMPARINI, J.B.; SOBRINHO, P.A.; HESPANHOL, I.; CARVALHO, P.C.T.; MELFI, A.J.; MELO, W.J. & MARQUES, M.O. eds. Bioosólidos na agricultura. São Paulo, SABESP, 2001. p.289-363.

- MELO, W.J.; MARQUES, M.O.; SANTIAGO, G.; CHELLI, R.A. & LEITE, S.A.S. Efeito de doses crescentes de lodo de esgoto sobre frações de matéria orgânica e CTC de um Latossolo cultivado com cana-de-açúcar. R. Bras. Ci. Solo, 18:449-455, 1994.
- OLIVEIRA, S.A. Método colorimétrico para a determinação de nitrogênio em plantas. Pesq. Agropec. Bras., 16:645-649, 1981.
- POGGIANI, F.; GUEDES, M.C. & BENEDETTI, V. Aplicabilidade de biossólido em plantações florestais: I. reflexo no ciclo dos nutrientes. In: BETTIOL, W. & CAMARGO, O.A., eds. Impacto ambiental do uso agrícola do lodo de esgoto. Jaguariúna, Embrapa Meio Ambiente, 2000. p.163-177.
- PROGRAMA DE PESQUISA EM SANEAMENTO BÁSICO - PROSAB. Manual Prático para a Compostagem de Biossólidos. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, 1999. 84p.
- COMPANHIA DE SANEAMENTO DO PARANÁ - SENEPAR. Reciclagem agrícola do lodo de esgoto: Estudo preliminar para definição de critérios para uso agrônômico e de parâmetros para normatização ambiental e sanitária. 2.ed. Curitiba, 1999. 81p.
- SAS INSTITUTE – Release 8.2 (TS2MO) for Windows. Cary, 2001. CD-ROM.
- SILVA, F.C.; BOARETTO, A.E.; BERTON, R.S.; ZOTELLI, H.B.; PEIXE, C.A. & MENDONÇA, E. Efeito de lodo de esgoto na fertilidade de um Argissolo Vermelho-Amarelo cultivado com cana-de-açúcar. Pesq. Agropec. Bras., 36:831-840, 2001.
- SILVA, J.E.; RESCK, D.V.S. & SHARMA, R.D. Alternativa agronômica para o biossólido produzido no Distrito Federal. I – Efeito na produção de milho e na adição de metais pesados em Latossolo no Cerrado. R. Bras. Ci. Solo, 26:487-495, 2002a.
- SILVA, J.E.; RESCK, D.V.S. & SHARMA, R.D. Alternativa agronômica para o biossólido produzido no Distrito Federal. II – Aspectos qualitativos, econômicos e práticos de seu uso. R. Bras. Ci. Solo, 26:497-503, 2002b.
- SOCCOL, V.T.; PAULINO, R.C. & CASTRO, E.A. Metodologia para análise parasitológica em lodo de esgoto. In: ANDREOLI, C.V. Manual de métodos para análises microbiológicas e parasitológicas em reciclagem agrícola de lodo de esgoto. 2.ed. Curitiba, SANEPAR, 2000. p.27-45.
- SOUSA, D.M.G. & LOBATO, E. Calagem e adubação para culturas anuais e semiperenes. In: SOUSA, D.M.G. & LOBATO, E., eds. Cerrado: Correção do solo e adubação. Planaltina, Embrapa Cerrados, 2002. p.283-315.
- TSUTIYA, M.T. Alternativas de disposição final de biossólidos. In: TSUTIYA, M.T.; COMPARINI, J.B.; SOBRINHO, P.A.; HESPANHOL, I.; CARVALHO, P.C.T.; MELFI, A.J.; MELO, W.J. & MARQUES, M.O., eds. Biossólidos na agricultura. São Paulo, SABESP, 2001. p.133-180.
- VIERIA, R.F.; TANAKA, R.T.; TSAY, S.M.; PÉREZ, D.V. & SILVA, C.M.M.S. Disponibilidade de nutrientes no solo, qualidade de grãos e produtividade da soja em solo adubado com lodo de esgoto. Pesq. Agropec. Bras., 40:919-926, 2005.